

## AS ORAÇÕES EUCARÍSTICAS: A PLURALIDADE EUCOLÓGICA DA REFORMA LITÚRGICA DO VATICANO II

### *THE EUCHARISTIC PRAYERS: THE EUCOLOGICAL PLURALITY OF THE LITURGIC REFORM OF THE VATICAN II*

*Thales Nogueira Pereira Nascimento<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo pretende refletir a importância das Orações Eucarísticas como uma expressão da pluralidade eucológica desenvolvida na Reforma Litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II. Desta maneira o objetivo da reforma rompe com séculos de fixismo, e permite para quem preside a Celebração uma maior flexibilização nas rubricas e principalmente no favorecimento da participação, plena, consciente e ativa dos fiéis. No processo de reforma, em primeiro lugar, são elaboradas mais três Orações II, III e IV, mantendo-se inalterável o Cântico Romano (Oração Eucarística I). Para tal elaboração um dos critérios utilizados foi o retorno a uma autêntica tradição, ou seja, um retorno as diversas anáforas ocidentais e orientais, como a anáfora de Hipólito de Roma (+236), (Oração Eucarística II). No Brasil, vemos tal pluralidade se expandir na Oração Eucarística V. Atualmente, na edição do Missal Brasileiro se apresentam ao todo 14 Orações Eucarísticas como uma particularidade que são as numerosas aclamações da assembleia. Diante de uma diversidade de Orações Eucarísticas, é preciso um olhar sempre atento para que não se desvalorize a importância do conceito conciliar de participação dos fiéis na práxis litúrgico-pastoral, bem como o desprezo pela pluralidade eucológica própria do Missal de Paulo VI.

**Palavras-chave:** Liturgia. Reforma. Pluralidade.

**Abstract:** The present article intends to reflect on the importance of the Eucharistic Prayers as an expression of the Eucological plurality developed in the Liturgical Reform of the Second Vatican Ecumenical Council. In this way the objective of the reform breaks with centuries of fixism, and allows those who preside over the Celebration greater flexibility in the rubrics and especially in favoring the full, conscious and active participation of the faithful. In the process of reform, first of all, three more Prayers II, III and IV are elaborated, while the Roman Canon (Eucharistic Prayer I) remains unchanged. One of the criteria used for this elaboration was the return to an authentic tradition, that is, a return to the various Western and Eastern anaphoras, such as the anaphora of Hippolytus of Rome (+236), (Eucharistic Prayer II). In Brazil, we see such plurality expanding in Eucharistic Prayer V. Currently, in the edition of the Brazilian Missal, a total of 14 Eucharistic Prayers are presented with a particularity that is the numerous acclamations of the assembly. Faced with such a diversity of Eucharistic Prayers, we must always be attentive so as not to devalue the importance of the conciliar concept of the participation of the faithful in the liturgical-pastoral praxis, as well as the contempt for the eucological plurality proper to the Missal of Paul VI.

**Keywords:** Liturgy. Reform. Plurality.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo U.E. – Lorena/SP. (2011). Graduado em Teologia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté/SP (2015). Pós-graduado em Mariologia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté/SP (2020); atualmente é mestrando em Teologia pela PUC-SP. Sacerdote incardinado na Diocese de Lorena – SP. E-mail [thales.nogueira@gmail.com](mailto:thales.nogueira@gmail.com)

## Introdução

As Orações Eucarísticas ou anáforas são uma expressão de uma riqueza eucológica desenvolvida através reforma do Concílio Ecumênico Vaticano II. Tal iniciativa de se elaborar novas Orações, não somente rompe séculos de uma estagnação eucológica (Cânion Romano), mas também permitiu uma flexibilização nas rubricas, tanto para quem preside, quanto para quem participa da celebração da Santa Missa.

Assim, a reforma atinge seu objetivo quando afirma: “a Igreja procura fazer com que os fiéis estejam presentes a este mistério, não como estranhos ou simples espectadores, mas como participantes conscientes, piedosos e ativos”<sup>2</sup>, fazendo com que “toda a assembleia se una com Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício”.<sup>3</sup>

Sendo a Oração Eucarística “centro e ápice de toda a celebração, prece e ação de graças e santificação”<sup>4</sup>, tal tema nos convida a uma reflexão fundamental para analisarmos se as Orações Eucarísticas, hoje na sua pluralidade eucológica, atendem realmente a proposta elucidada e desenvolvida na reforma litúrgica conciliar.

Neste artigo, elucidaremos a importância do processo que levou à elaboração de novas Orações Eucarísticas e as influências das anáforas como um “retorno a tradição autêntica, superando o deplorável depauperamento, produto típico dos séculos de decadência litúrgica”<sup>5</sup>. Por fim, um olhar litúrgico-pastoral para a realidade do Brasil e os desafios de uma verdadeira implementação da reforma conciliar.

### 1. Do *Cânion Romano* à elaboração de novas Orações Eucarísticas

Antes da reforma conciliar, na práxis litúrgica do ocidente, existia unicamente um *Cânion Romano*, ou Cânion da Missa Romana, tal termo “era usado no sentido de oração canônica, oração por excelência”.<sup>6</sup> Trata-se do formulário mais antigo, atestado desde o

---

<sup>2</sup> SC. 48.

<sup>3</sup> IGMR. 54.

<sup>4</sup> IGMR. 54.

<sup>5</sup> BUGNINI, Annibale. *A Reforma Litúrgica (1948-1975)*. São Paulo: Paulus; Paulinas; Edições Loyola, 2018. p.387.

<sup>6</sup> Cf. BROUARD, Maurice. (ORG.) *Eucharistia: Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006. p.446.

século IV, e que tem como destaque o “caráter sacrificial da ação eucarística”<sup>7</sup>, e até 1967 era proferida em voz baixa, pelo sacerdote.

Depois da reforma, com a elaboração de novos formulários, se adota o termo Orações Eucarísticas. Até mesmo ao Cânon, atualmente, se dá o nome de Oração Eucarística I, hoje proclamada “nas línguas vernáculas e em voz alta, com o tom solene e até lírico próprio dessa oração, que representa o ponto central da ação eucarística”.<sup>8</sup>

Com a Reforma Litúrgica, apresentaram-se propostas de elaboração de novas orações (anáforas), no intuito de fomentar a participação dos fiéis na Celebração Eucarística. O ponto de partida está expresso, sem sombra de dúvidas, naquilo que está na proposta da Constituição sobre a Liturgia *Sacrossanctum Concilium*, que afirma que o rito deve “se caracterizar por uma nobre simplicidade, ser claro e breve, evitar as repetições, estar ao alcance dos fiéis e não necessitar de muitas explicações”<sup>9</sup>.

O processo de elaboração de novas Orações Eucarísticas se deu no retorno, após séculos de fixismo, a uma *autêntica tradição*. Tanto no Oriente quanto no Ocidente, apresenta-se na história da liturgia “uma grande ductilidade”,<sup>10</sup> ou seja, uma pluralidade de textos eucológicos.

As liturgias orientais, que são o eco mais fiel daquela tradição primitiva, conhecem diversas anáforas para cada rito: cerca de oitenta no rito sírio-ocidental, 14 no rito etiópico, 3 no rito bizantino, 3 junto aos nestorianos.<sup>11</sup>

Já no Ocidente o rito moçárabe e o rito ambrosiano também apresentam uma longa tradição de uma pluralidade de textos que mostram que:

A decisão, portanto, de dotar a liturgia romana de outras Orações Eucarísticas não era uma audácia insuportável, mas um retorno à tradição autêntica, superando o deplorável depauperamento, produto típico dos séculos de decadência litúrgica.<sup>12</sup>

---

<sup>7</sup> Cf. BROUARD, Maurice. (ORG.) *op.cit.* p.447.

<sup>8</sup> ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013. p.27.

<sup>9</sup> SC.34.

<sup>10</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p.387.

<sup>11</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p.387.

<sup>12</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p.387.

O rito hispano-moçárabe, “que nasceu e se desenvolveu na península Ibérica e na Gália narbonense, contemporaneamente outros ritos do ocidente”,<sup>13</sup> apresenta uma Oração Eucarística composta de muitas fórmulas variáveis para cada dia, mantendo somente intacto o relato da instituição.

Já o rito ambrosiano, “liturgia que subsiste com esse nome na diocese de Milão tem certamente sua origem na tradição litúrgica própria da sede regida por Santo Ambrósio”<sup>14</sup> (374-397). “O cânone é dotado de mais ou menos oitenta prefácios e variantes no interior do cânone para a Missa da Quinta-feira Santa e da Vigília Pascal”<sup>15</sup>.

Diante de uma tradição ocidental e oriental repleta de pluralidade eucológica, e diante da proposta dos princípios expressos na reforma litúrgica do Vaticano II, percebeu-se a necessidade de se revisar, num primeiro instante, o Cânon Romano em diversas tentativas.

A proposta foi apresentada ao Papa Paulo VI em 25 de maio de 1966, diante de muitas incertezas e polêmicas. Mas a posição do “*Consilium ad exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia*” foi:

Se por acaso se devesse reabrir a questão acerca da composição de uma nova Oração Eucarística, levando-se em conta as dificuldades que o atual cânone romano apresenta sob o aspecto pastoral, o *Coetus X* se sentiria horado de poder elaborar projetos. Neste caso, se sentiria igualmente comprometido a fazer com que também a nova prece, permaneça evidente a índole romana, de modo que a Missa romana permaneça coerente ao espírito da liturgia romana.<sup>16</sup>

A princípio a proposta era elaborar um novo Cânon, pois diante da realidade daquele momento o texto em sua integridade, além do fixismo de muitos séculos, apresentava muitas deficiências a partir de uma profunda crítica literária. O Cardeal Giacomo Lercaro, (1891-1976) arcebispo de Bolonha, figura influente do Concílio Vaticano II, apresentou as seguintes anotações ao papa.

O texto da Oração Eucarística oferece muitas e delicadas dificuldades diante de uma eventual revisão e igualmente apresenta problemas, não pequenos, à sua conservação íntegra. O Cânon romano, sobretudo se recitado em voz alta, resulta pesado por sua mesma invariabilidade e por seus elementos demasiado locais, como são as listas dos santos...

---

<sup>13</sup> Cf. MARTÍN. Julián Lopes. *A Liturgia da Igreja: Teologia, História, Espiritualidade e Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 131.

<sup>14</sup> Cf. MARTÍN. Julián Lopes, *op.cit.* p. 130.

<sup>15</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p.387.

<sup>16</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p.388.

As propostas avançadas por muitos se inclinam por uma revisão do texto que implicaria a redução dos elementos citados e a reorganização das intercessões (*Memento, Communicantes, Nobis quoque*), de modo que a Oração Eucarística tenha maior unidade em sua relação com o prefácio, o Sanctus e a anamnesis. Mas todo retoque é sempre perigoso, sobretudo tratando-se de pôr a mão em textos de uma tradição tão veneráveis. Parece mais conveniente conservar integralmente o texto tradicional do Cânon e redigir uma ou mais fórmulas de Orações Eucarísticas inteiramente novas que se adicionaria à tradicional como alternativas, com o fim de dispor também de uma maior variedade de textos.<sup>17</sup>

Diante da exposição feita, o Papa Paulo VI orientou que não se modificasse o Cânon Romano. Mas concedeu permissão ao *Consilium* de elaborar “duas ou três anáforas a serem usadas em determinados tempos particulares”.<sup>18</sup>

Imediatamente deram-se início aos trabalhos de elaboração das novas Orações Eucarísticas. Vários teólogos se debruçaram no estudo, discussão e elaboração do novo projeto. Não podemos aqui deixar de mencionar figuras como. C. Vagaggini, A. Franquesa, T. Schnitzler, A. Hänggi, P. Jounel, L. Agustoni, P.-M. Gy, A. Jungmann, G. Gelineau e A. Lentini. Estes foram importantes, mas os estudos de Vagaggini em sua obra *Il Canone della Messa e la Riforma Liturgica* (1966), foi o ponto de partida e base para a elaboração das novas anáforas.

Então, em 1968, surgem as novas Orações Eucarísticas, o Cânon Romano permanece no Missal de Paulo VI agora como Oração Eucarística I, ao seu lado aparecem a Oração Eucarística II (Com prefácio próprio), Oração Eucarística III (Sem prefácio próprio, podendo acrescentar os prefácios de acordo com o tempo litúrgico) e a Oração Eucarística IV (Com prefácio próprio).

Nas novas Orações, o “grupo empenhou-se em fixar critérios gerais: o que se entende por índole romana a ser conservada; quais são os elementos essenciais de uma Oração Eucarística segundo o estilo romano em geral”.<sup>19</sup>

Vemos que as Orações Eucarísticas dão novo impulso a uma profunda renovação na liturgia emanada no Concílio Vaticano II. Além de desenvolver um pluralismo ecológico, que vem de um retorno à tradição, a renovação enriquece os caminhos de uma profunda espiritualidade litúrgica e das celebrações. Buscando mais flexibilização e simplicidade das palavras, as primeiras Orações Eucarísticas são uma expressão de que a

---

<sup>17</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p.388.

<sup>18</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p.388.

<sup>19</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p.389.

assembleia pode e deve celebrar de maneira plena, consciente e ativa os Mistérios da Eucaristia.

Tal iniciativa também promoverá certo pluralismo eucológico, em outras Orações Eucarísticas que serão posteriormente inseridas no Missal de Paulo VI, como as Orações Eucarísticas para diversas circunstâncias (1974) (4 Orações A-B-C-D). Francisco Taborda explica que:

As quatro Orações para Diversas Circunstâncias que se seguem são na realidade quatro variantes de uma única Oração Eucarística, o que justifica sua qualificação no Missal Romano brasileiro como Oração Eucarística VI com acréscimo das letras A-B-C-D. Esta Oração E. provém do Sínodo Suíço de 1974 e tem, a mesma idade da Oração Eucarística de Manaus. Mas seu uso foi concedido no Brasil apenas em 1991.<sup>20</sup>

Ambas as Orações Eucarísticas, a do Sínodo Suíço e a do Congresso Eucarístico de Manaus (1974), e também uma para a Holanda, para o Colóquio Pastoral de 1974, tiveram a “aprovação do Santo Padre e depois a revisão doutrinal da Congregação para a Doutrina da Fé”.<sup>21</sup>

Acrescenta-se também ao atual Missal as Orações Eucarísticas sobre a reconciliação (I-II). Estas foram elaboradas no ano de 1975, por ocasião do Ano Santo da Reconciliação.

Na 2ª Edição do Missal do Brasil, encontramos as Orações Eucarísticas para missas com crianças (IX, X e XI). Estas orações surgem após inúmeros pedidos de adaptação “à linguagem e à mentalidade das crianças e por ocasião do Ano Santo, iniciado nas Igreja Particulares em 1974”.<sup>22</sup> Depois de muitas controvérsias e discussões essas Orações entraram em uso “*ad experimentum*” em 1977, e depois prorrogadas até o ano de 1980, e depois “*sine die*”.

Assim, entendemos que as Orações Eucarísticas são uma expressão de um pluralismo eucológico, mas também podemos dizer que tal pluralismo ajudou ainda mais a favorecer um enriquecimento anafórico não só de elementos advindos da antiga tradição da Igreja e dos santos Padres, mas também favoreceu que as Conferências Episcopais, sob o intermédio do Santo Padre, para que pudessem elaborar mais Orações Eucarísticas,

---

<sup>20</sup> TABORDA, Francisco. *O Memorial da Páscoa do Senhor: Ensaio litúrgico-teológico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 186.

<sup>21</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p.389.

<sup>22</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p. 410.

tanto é o caso do Brasil (OE V), quanto para a Suíça e demais países e suas respectivas conferências.

Portanto, espera-se que tal tema das Orações Eucarísticas seja sempre valorizado no ambiente eclesial, sendo a Oração máxima da nossa fé em Cristo e na sua presença real, não devemos deixar que tais textos sejam relegados ao ostracismo, e acima de tudo buscar valorizar esta pluralidade redescobrimo a arte de celebrar os mistérios de Cristo levando os fiéis a uma verdadeira participação plena, consciente e ativa, tanto de quem preside quanto para quem participa da celebração sem excluir esta pluralidade advinda da Reforma Litúrgica, caindo no risco de uma eventual estagnação na práxis litúrgico-pastoral.

## **2. A importância da influência das anáforas dos primeiros séculos na elaboração das novas Orações Eucarísticas**

Trataremos neste segundo ponto da importância das anáforas da antiga tradição da Igreja na elaboração de novas Orações Eucarísticas advindas da Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II, mais precisamente nas Orações II, III e IV.

*Oração Eucarística II*: Inspirada na Anáfora de Hipólito de Roma presente em sua obra *Traditio Apostólica* (séc. II). A seu respeito diz Annibale Bugnini:

Trata-se de uma anáfora breve e de conceitos muitos simples. Por isso, buscou-se inspiração na anáfora de Hipólito. Contudo, ainda que muitos conceitos e expressões tenham sido tomadas dessa anáfora, não se trata de uma quase nova edição dela.<sup>23</sup>

Sua estrutura original não poderia se aplicar ou ser conservada como Oração Eucarística na atual reforma, pois, não há nela “o Sanctus, nem a epiclese consecratória antes da narração da instituição, a comemoração dos Santos, nem as intercessões”.<sup>24</sup> Atualmente na práxis litúrgica é a Oração mais conhecida e mais celebrada. Possui um belo prefácio próprio, que introduz a assembleia no mistério celebrado, e que não deve ser substituído por outro. De fácil compreensão, possui assim como a OE III e IV aclamações próprias para a assembleia.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p. 393.

<sup>24</sup> Cf. BUGNINI. Annibale. *op.cit.* p. 393.

<sup>25</sup> Aqui não me refiro as aclamações referentes ao Missal Brasileiro inseridas no ano de 1991. Mas, sim as que estão previstas no processo de elaboração das Orações Eucarísticas.

*Oração Eucarística III*: Inspiradas em várias tradições, dentre elas destacamos as tradições galicanas e hispânicas (mozarábica). Também de simples compreensão:

O objetivo foi fazer uma anáfora de extensão média, com estrutura clara, com uma passagem imediatamente perceptível entre uma parte e outra, que - conforme já foi dito – pudesse ser usada com qualquer um dos prefácios romanos tradicionais ou de nova feitura, e que combinasse com eles.<sup>26</sup>

Não possui prefácio próprio diferentemente das Orações Eucarísticas II e IV. Também se atribui a anáfora terceira a Cipriano Vagaggini.

*Oração Eucarística IV*: Trata-se de uma longa oração, que se segue na tradição anafórica romana. Ela se desenvolve de modo notável, apresentando uma belíssima síntese da economia da salvação. Possui prefácio próprio.

## **2. A realidade litúrgico-pastoral da Igreja no Brasil diante pluralidade eucológica das Orações Eucarísticas**

No Brasil vemos também a presença constante de um pluralismo eucológico. No Missal brasileiro (2ª Edição) ao todo, encontramos 14 Orações Eucarísticas. E dentro da realidade litúrgico-pastoral, as Orações Eucarísticas são repletas de intervenções (aclamações) da assembleia. Como é o caso da *Oração Eucarística V*, conhecida como anáfora brasileira ou do Congresso Eucarístico de Manaus (1974).

Foi no ano de 1991, na elaboração da 2ª Edição Típica do Missal Romano do Brasil que “a CNBB obteve para o Brasil o privilégio de introduzir intervenções da assembleia em todas as Orações Eucarísticas”.<sup>27</sup>

Diante de tal situação, se faz uma oportuna reflexão literária e litúrgico-pastoral diante de tantas intervenções (aclamações) presentes nas Orações Eucarísticas do Missal Romano do Brasil.

A primeira delas está na afirmação de Francisco Taborda de que:

Concordando com o princípio, vale, no entanto, verificar, desde o ponto de vista teológico-literária da OE, a pertinência das intervenções hoje existentes no MR brasileiro. Quando se reconhece que a anáfora é um texto literalmente uno, com uma estrutura bastante determinada,

---

<sup>26</sup> Cf. BUGNINI, Annibale. *op.cit.* p. 395.

<sup>27</sup> TABORDA, Francisco. *op.cit.* p. 186.



refletindo uma teologia precisa da Eucaristia é preciso analisar as intervenções, perguntando se elas contribuem a que os participantes compreendam que a oração eucarística não é uma série de pequenas orações que precedem as ‘palavras da consagração e a elas seguem, mas uma peça literária, em que o relato institucional está inserido num contexto oracional maior, com uma intenção bem clara.<sup>28</sup>

As sugestões de Taborda são pertinentes diante de uma variedade de intervenções (aclamações). Trata-se de uma crítica literária. Sua primeira preocupação é o comprometimento da unidade do texto da Oração Eucarística, pois “faz pensar que anáfora é um conjunto de pequenas orações que se agregam de qualquer maneira em torno da narração da instituição”.<sup>29</sup>

No processo de execução da Oração Eucarística V, a Sagrada Congregação para o Culto Divino, apresentou observações quanto ao excesso de intervenções (aclamações) “o dicastério romano perguntava se as intervenções da assembleia não seriam excessivas”.<sup>30</sup> Entretanto, a figura de Dom Clemente Isnard, OSB (1917-2011), representando a Comissão Nacional de Liturgia, solicitou ao dicastério que tais intervenções (aclamações), se mantivessem para a oportuna avaliação. O que nunca foi realizado, e as Orações Eucarísticas permaneceram na 2ª Edição.

Além da preocupação de Taborda, e à luz daquilo que a Reforma Litúrgica ensina-nos, podemos nos perguntar: nossas celebrações levam os fiéis ao aprofundamento do mistério a ser celebrado? Principalmente, quando falamos da Orações Eucarísticas? Vemos que uma das grandes contribuições que a Reforma trouxe foi a riqueza eucológica na elaboração de novas Orações Eucarísticas. Não somente na elaboração das três primeiras (II, III IV), mas aquelas que vieram posteriormente como contribuição de muitas Conferências Episcopais, que tiveram o respaldo e aprovação através da Congregação para o Culto Divino e sob a autoridade pontifícia.

A preocupação litúrgico-pastoral com as Orações Eucarísticas não pode ficar em segundo plano. Se as intervenções (aclamações) são hoje critério de participação *ativa dos fiéis*, no diálogo entre quem preside e quem participa é necessário portanto uma revisão aprofundada para a futura 3ª edição do Missal que ansiosamente esperamos. São 14 Orações Eucarísticas presentes no Missal do Brasil, e atualmente urge questionar se as assembleias celebrativas desconhecem a maioria destas Orações.

---

<sup>28</sup> TABORDA, Francisco. *op.cit.* p. 186.

<sup>29</sup> TABORDA, Francisco. *op.cit.* p. 211.

<sup>30</sup> TABORDA, Francisco. *op.cit.* p. 211.

Podemos afirmar que, na práxis, escolhe-se de forma recorrente à Oração Eucarística II, e, às vezes, à Oração Eucarística III. A justificativa se dá não somente na brevidade de tais orações, mas porque as pessoas conhecem as intervenções (aclamações) das orações, ou sejam, decoraram. As Orações para diversas circunstâncias e sobre a reconciliação são quase desconhecidas, tanto na prática celebrativa quanto nas intervenções (aclamações).

Ao longo desta trajetória muitos recursos surgiram dentro da práxis-litúrgico pastoral. O primeiro deles são os subsídios (folhetos e aplicativos para celulares/*smartphones*) destinados à participação nas missas. Num primeiro momento, tais subsídios, podem solucionar o problema das intervenções (aclamações), mas tiram a atenção das pessoas diante do mistério celebrado, por desenvolverem uma certa dependência de tais subsídios, o que não soluciona totalmente o problema.

Outro problema é a dependência da figura do comentarista durante a celebração, se ele não faz as devidas intervenções (aclamações), as pessoas não participam ativamente e devidamente, quebrando o ritmo da celebração. Esta ação é a mais comum e também ocorre em celebrações que são transmitidas pelos meios de comunicação.

Ainda mais, numa análise do aspecto literário das Orações, os folhetos prestam um desserviço colocando prefácios em orações que não precisam da mesma, ou seja, por terem prefácio próprio. Como é o caso da Oração Eucarística II. Também, recursos visuais como o uso de Datashow, entre outros recursos visuais, podem favorecer uma certa dispersão dos fiéis diante do mistério celebrado, afetando até mesmo a beleza e a integridade do espaço litúrgico.

Diante de tal reflexão, que soluções seriam necessárias? A reflexão desenvolvida neste artigo não tem como objetivo oferecer uma proposta para banir as aclamações do Missal Brasileiro, mas espera-se que na 3ª Edição se leve a sério o **atual excesso**, favorecendo a percepção dos fiéis acerca do que está sendo celebrado, conservando o ritmo e a harmonia da celebração. Não podemos excluir a novidade da renovação conciliar e a beleza que cada Oração Eucarística tem. Mas a Pastoral Litúrgica possui a missão de levar as pessoas a vivenciar o mistério, favorecendo o ritmo de cada celebração e buscando colocar em prática, nas comunidades de fé, uma sincera e verdadeira aplicação da reforma conciliar.

## **Considerações finais**

Com a Reforma Litúrgica do Vaticano II, desenvolve-se uma pluralidade eucológica na elaboração de novas Orações Eucarísticas. Rompe-se portanto com o fixismo de um só Cânon (Oração Eucarística I) de vários séculos. É nítida a transformação que a reforma promoveu, os fiéis podem agora participar dos mistérios de modo consciente, pleno e ativo.

Com a simplificação dos textos e das rubricas, a reforma buscou na antiga tradição oriental e ocidental a base para a elaboração de novas Orações. Tal reforma abriu precedentes para que outros países pudessem elaborar suas Orações, como foi o caso da Oração Eucarística V (Do Congresso Eucarístico de Manaus).

No Brasil, uma particularidade envolve as Orações Eucarísticas que são as intervenções (aclamação) dos fiéis durante as mesmas. Portanto, conclui-se a necessidade de se estar atento às realidades litúrgico-pastorais de nossas comunidades, promovendo uma incansável e sincera aplicação da reforma conciliar. Que os próximos passos da Igreja no Brasil possa favorecer nossas comunidades a uma boa vivência das celebrações, principalmente na 3ª edição do Missal Romano com relação as Orações Eucarísticas. Também destacamos a necessidade de pesquisas de campo nesta área, para que seja possível fundamentar o nível de conhecimento dos fiéis e clérigos diante da pluralidade de Orações Eucarísticas, fornecendo mais um critério empírico que apontaria se a participação da assembleia celebrativa tem sido plena, ativa e consciente, que é o objetivo principal da Reforma Litúrgica conciliar.

## **Referências**

- ALDAZÁBAL, J. **A Eucaristia**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ALDAZÁBAL, J. **Vocabulário Básico de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- ANTOLOGIA LITÚRGICA: **Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do Primeiro Milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2014.
- BOROBIO, D. (org.). **Liturgia e sacramentologia fundamental**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BOROBIO, D. (org.). **A Celebração da Igreja: Liturgia: Ritmos e tempos da celebração**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BUGNINI, A. **A Reforma Litúrgica (1948-1975)**. São Paulo: Paulus; Paulinas; Edições Loyola, 2018.
- BROUARD, M. (org.) **Eucharistia: Enciclopédia da Eucaristia**. São Paulo: Paulus, 2006.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p.141-174.

- ENQUIRÍDIO DOS DOCUMENTOS DA REFORMA LITÚRGICA. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2014.
- GIRAUDO, C. **Num só Corpo**: Tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- JUNGMANN, J. A. **Missarum Solemnia**. São Paulo: Paulus, 2005. São Paulo: Paulus, 2005.
- KLOOPENBURG, B. **Concílio Vaticano II**: Vol I Documentação Pré-Conciliar: Petrópolis, Vozes, 1962.
- KLOOPENBURG, B. **Concílio Vaticano II**: Vol II Primeira Sessão (Set-Dez1962): Petrópolis, Vozes, 1962.
- KLOOPENBURG, B. **Concílio Vaticano II**: Vol III Segunda Sessão (Set-Dez1963): Petrópolis, Vozes, 1963.
- MISSAL R. 2ª ed. São Paulo: Paulus; Petrópolis: Vozes, 2004.
- TABORDA, F. **O Memorial da Páscoa do Senhor**: Ensaio litúrgico-teológicos sobre a Eucaristia. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- VAGAGGINI, C. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2003.

*Recebido em: 07/08/2023*

*Aprovado em: 15/09/2023*